



Matar o tempo

Lucian Chaussard

edição do autor

Matar o tempo
Lucian Chaussard

Foto da capa:
Clarice Dantas

Edição do autor
Verão de 2023

“Está começando”, pensou. “Começa a minha crise.”
Tchekhov

Em uma tarde de natal, perto de uma fazenda isolada, dois meninos brincavam na neve com seus esquis de madeira. Cansados, quando olharam para o horizonte, perceberam uma mancha escura sobre a paisagem branca. Aproximaram-se e a primeira coisa que notaram foram os solados novos da bota do homem caído. Um pouco à frente, o chapéu que foi quase levado pelo vento.

Ao ver que o homem tinha os olhos e a boca abertos como de um morto, correram assustados para avisar os adultos. Estes, por sua vez, chamaram as autoridades locais. Depois de algumas horas de trabalho policial, as fotografias desse momento foram registradas, imagens que rodaram o mundo e que fui conhecer muitos anos depois de ter lido seus livros.

Pareceu-me natural, saído da graduação, estudar Robert Walser no mestrado. Muito já se disse sobre sua literatura misturar o alemão literário com o suíço provinciano, da sua ironia

disfarçada de ingenuidade, de seus personagens de contos de fadas que precisam lidar com a realidade concreta, de sua escrita tardia delirante, minúscula e a lápis, chamada microgramas e principalmente de sua sutil arte de desaparecer, que se manifestou em seu antiexemplo como escritor que *preferiu não*, renunciando a todo ímpeto de grandeza e passando a maior parte da vida esquecido em hospícios, saindo apenas para caminhadas, algumas delas com seu amigo Carl Seelig, outras sozinho, como a sua última, quando colapsou na neve na tarde de natal de 1956.

Mesmo sabendo algumas coisas sobre Walser, eu não tinha uma interpretação pessoal de sua obra. Ainda assim, motivado pela ideia de dar rumo à minha vida, rabisquei um projeto de pesquisa e prossegui nos estudos, com aulas na pós-graduação de letras. Em determinado momento durante o processo, no entanto, paralisei.

Isso aconteceu mais ou menos quando entrei em contato com as fotos de sua morte, morte essa antecipada no seu romance *Os irmãos Tanner*, as quais foram exploradas à exaustão, banalizando a vida e a obra do escritor. Elias Canetti lembrou da hipocrisia generalizada quando Walser começava a virar moda, anos depois de seu desaparecimento, e pesquisadores acadêmicos com vidas confortáveis se apropriavam de sua trajetória de miséria. Seria eu também um vampiro do mito Walser? E teria essa ética

do mínimo chegado até mim se ele não fosse fetichizado postumamente? Minha primeira reação ao ver as fotos foi de desprezo pela exploração mórbida. Mas sem que eu conseguisse impedir, elas começaram a me dominar.

Na primeira foto que tive acesso (I), a mais famosa, vejo o corpo inteiro de Walser deitado perpendicularmente na neve, com destaque para as botas em primeiro plano e o chapéu, pequeno e distante no fundo. Walser tem a mão direita no peito e a esquerda aberta. Consigo ver pouco do seu rosto. Quase imperceptíveis, duas figuras aperecem no canto superior esquerdo atrás de uma cerca, podem ser policiais ou fazendeiros. Ao lado deles, uma linha de pinheiros se forma no horizonte quebrando o branco da neve.

A segunda imagem (II) foi tirada do lado oposto da primeira. Vejo o chapéu de Walser em primeiro plano e seu corpo, que parece apenas um amontoado, de cabeça para baixo. Tudo em volta é branco, mas há dois brancos distintos. Em torno do corpo, a neve é mais escura do que nas extremidades da foto. A cabeça de Walser pende levemente para a esquerda.

A terceira foto (III) é um *close* de Walser, que vai do peito até o topo de sua cabeça. Ele veste um casaco escuro e, por baixo, uma camisa com gravata. Há um pouco de neve em seu ombro.

Ele tem os olhos vidrados e a boca escancarada. É um semblante em que calma e espanto me parecem uma coisa só.

Perdi horas imaginando o último instante. A dor aguda no peito e no braço. A vontade resignada de se deitar. Os cabelos se molhando no gelo. O vento cortante machucando os olhos. A sensação de que primeiro os pés, depois as mãos, então os braços, o ventre, o peito, vão deixando de existir. Até que a dor passa.

Parece inverossímil que algumas fotos tenham sido responsáveis por minha derrocada mental, mas foi a partir desse momento que comecei a ser tomado pela inércia. O que me interessava em Walser não cabia em palavras, muito menos em uma análise literária. Em pouco tempo, comecei a detestar seus livros de tanto relê-los e nada encontrar. Eu, que fui um aluno exemplar durante a graduação, sucumbia na frente do papel branco, a ponto de cair em uma patética e irresistível depressão.

Minha tentativa de mestrado se encerrou faz quase dez anos. Tendo desistido da vida acadêmica, fui atrás de pequenos ofícios ligados à área da publicação, trabalhando por mais tempo como revisor em uma editora que faliu faz dezesseis meses, devido à crise econômica e o interesse cada vez menor por literatura na cidade. Desde então, estou desempregado e vivendo às custas da minha bem-sucedida mulher, não sei até quando.

Mando currículos sem muita vontade ou expectativa. Os dias, preencho me ocupando com tarefas domésticas. Minha situação se resume ao mote de “ser pequeno e permanecer pequeno” de *Jakob von Gunten*. Olho para as fotografias, ou elas olham para mim, não sei bem. Escrever ajuda, às vezes.

I

Quase todo domingo Ivan acompanhava Marlene na casa dos pais dela para um almoço de família. Morando há três anos juntos, eles estavam em um momento morno do relacionamento. O casamento foi discutido algumas vezes, mas como Ivan estava desempregado, os dois acharam melhor segurar os gastos e ver o futuro como algo vago e resignado.

Depois de se arrumarem, Ivan e Marlene, com seus óculos escuros, desceram do pequeno apartamento em um bairro da região central, remanescente da época da faculdade, e entraram no carro do qual ainda faltavam algumas prestações para pagar. Ele nunca gostou de dirigir e Marlene era a dona de fato do carro, então criou-se um acordo tácito de que ela sempre seria a motorista.

Trocaram poucas palavras enquanto cruzaram metade da Ilha de Santa Catarina e olhavam para a paisagem fria e ensolarada.

Em meia hora, chegaram na casa dos pais de Marlene, em um bairro da região sul próximo de uma praia disputada por turistas.

Dona Renata, uma jovem senhora de cabelos claros e óculos de aro grosso, recebeu os dois, enquanto Seu Marcos, na garagem, com uma regata branca que combinava com os fios brancos do bigode, cuidava da churrasqueira onde assava peixes. Os pais de Marlene moravam em uma casa de alvenaria de dois andares que foi sendo ampliada aos poucos, com paredes muito brancas, telhado escuro, chão de azulejos azincentados e um muro alto com cerca viva isolando o terreno da rua.

Marlene foi à cozinha ajudar Dona Renata a terminar os acompanhamentos para o peixe, enquanto Ivan se aproximou da churrasqueira e manteve uma conversa protocolar com Seu Marcos. Os dois nunca foram próximos e Seu Marcos sempre fez questão de manter certa autoridade sobre Ivan. Tendo trabalhado como bancário a vida inteira, ele não entendia como alguém conseguiria viver de livros. O fato de estar desempregado há algum tempo só piorava essa percepção.

Na hora do almoço, os pais iniciaram uma oração, mesmo sabendo que Ivan e Marlene não eram religiosos. Dona Renata agradeceu pela comida e pela saúde de todos, hesitou por um longo momento e então mencionou o nome de Eduardo, pedindo

que ele estivesse bem. Sem entender, Ivan olhou discretamente para Marlene.

Terminado o momento religioso, começaram a comer. Entre garfadas automáticas, um pouco sem coragem, Ivan perguntou quem era Eduardo. Depois de alguns segundos de silêncio, Marlene explicou em poucas palavras.

Eduardo era seu irmão mais velho, que desapareceu antes de ela e Ivan se conhecerem. Hoje fazia cinco anos desde a última vez em que foi visto. Ivan achou estranho, mas calou-se para não aumentar o constrangimento. Lembrou-se, contudo, de momentos em festas de família em que conversas eram cortadas no meio com a sua chegada, olhares eram desviados e histórias eram mal contadas. Teve a sensação de que um quebra-cabeça oculto e antigo começava a ser solucionado.

*

Depois de as mulheres lavarem os pratos e os homens limparem a churrasqueira, todos se sentaram para tomar um café. Dentre os assuntos, conversaram sobre um homem que foi preso por deixar um cachorro dentro de um carro por horas e sobre um escândalo sexual envolvendo um político de uma cidade pequena da região. Esse tipo de assunto banal sempre irritou Ivan. Por isso,

ele se levantou e começou a andar pela casa. Atravessando o corredor do segundo andar, viu uma porta que nunca tinha dado importância. Procurando por ele, apareceu Marlene, com um semblante um pouco mais carregado que o normal. Uma troca de olhares foi o suficiente para ela entender a decepção de Ivan. Marlene então explicou que ali era o quarto do irmão e que agora era um depósito da família.

Ivan hesitou, mas perguntou se podia entrar. Desconfortável, ela abriu a porta, acendeu a luz e os dois avançaram em um cômodo úmido e cheio de caixas. Marlene foi até a janela e a abriu para aliviar o cheiro de mofo. Ele andou devagar pelo cômodo, tentando descobrir o que teria pertencido a Eduardo.

Rente a uma das paredes havia uma cama de solteiro e, ao seu lado, uma escrivaninha de madeira clara. Em cima dessa escrivaninha havia um poster pequeno, de fundo escuro com um desenho amador de um pássaro com um símbolo que podia ser uma adaga ou uma cruz em seu peito. Abaixo estava escrito Mainländer e a data do que parecia ser um show em um bar de rock que Ivan sabia que não existia mais.

Marlene explicou que Eduardo tentou ser músico muitos anos atrás. Tocou em bandas na adolescência, mas em determinado momento investiu em um projeto solo e autoral, inspirado em alguns músicos norte-americanos que admirava.

Mainländer era seu nome artístico, tirado de um filósofo pouco conhecido que o interessava.

Ivan perguntou que tipo de música Eduardo tocava e Marlene respondeu que era algo como rock alternativo, em um estilo mais lento. Ela não gostava muito das coisas que o irmão fazia, mas entendia que tinham consistência e que atingiram poucos, mas devotados ouvintes. Ivan questionou se havia como ouvir alguma coisa e ela explicou que o que sobraram foram algumas fitas cassete de gravações caseiras e que eles não tinham mais toca-fitas. Marlene explicou que mesmo que no começo dos anos 2000 já existisse tecnologia melhor, Eduardo preferia a gravação desse tipo porque gostava do tipo de som cru que produzia.

Vasculhando outras partes do quarto, Ivan passou por cadernos, um notebook antigo e roupas amareladas e esquecidas em um armário. Ele perguntou quantos anos Eduardo tinha quando desapareceu. Marlene respondeu que ele tinha um pouco menos de quarenta anos na época, ou seja, era uns dez anos mais velho do que eles.

Sentindo que forçava a barra, Ivan perguntou o que houve para ele desaparecer. Marlene se sentou na cama de Eduardo e, depois de refletir por alguns segundos, disse que ninguém tinha certeza. O que se sabia é que ele já tinha desistido da música fazia

muitos anos, trabalhava numa loja de materiais de construção de um amigo e sempre foi recluso. Quando sumiu sem explicação, todos acharam que ele teria se matado, mas nunca encontraram seu corpo, uma carta ou qualquer vestígio. Ele simplesmente desapareceu. Talvez tivesse sido melhor o suicídio, seria menos torturante para todos, em especial para minha mãe, comentou Marlene.

Depois de um momento de silêncio, Marlene se levantou e saiu do quarto. Ivan a seguiu. Eles voltaram para a sala, onde Dona Renata perguntou onde estavam. Marlene disse que foram no antigo quarto dela conversar sobre sua adolescência. Mesmo sabendo que estavam no quarto de Eduardo, Dona Renata concordou e sorriu.

*

O restante da tarde passou de maneira indolente. Conversaram sobre mais assuntos banais como futebol, o tempo para os próximos dias e o trabalho de Marlene, onde recentemente ela assumiu a posição de coordenadora entre os redatores da agência. Todos falavam apressadamente, como se tivessem medo do silêncio.

Antes de voltar para casa com Marlene, Ivan foi provocado por Seu Marcos a respeito do seu desemprego e indefinição sobre o casamento com a filha. Hábil com as palavras, Seu Marcos deu a entender de maneira brincalhona, porém com um fundo de verdade, que Marlene tinha a possibilidade de achar parceiros melhores. Ivan apenas deu um sorriso sem graça e se despediu aliviado do sogro.

De volta ao apartamento, já no começo da noite, Ivan e Marlene se dedicaram cada um às suas distrações, já que o teatro das relações sociais não era necessário no ambiente doméstico. Ela ficou até mais tarde deitada no sofá assistindo a uma série na televisão, enquanto ele pesquisou sobre uma sequência de assuntos peculiares e irrelevantes no computador do escritório, tanto que se tornou uma espécie de refúgio para ele depois que perdeu o emprego. Quando cansaram, foram deitar e se deram um beijo automático antes de dormir.

De madrugada, Marlene acordou de um sonho ruim e percebeu que Ivan não estava na cama. Sem se levantar, ela viu que ele estava na sala, olhando pela janela. Eles moravam no sexto andar e tinham uma boa vista da principal avenida do bairro, onde Ivan observava os semáforos que piscavam de maneira intermitente. Marlene pensou em se levantar para perguntar o que estava acontecendo, mas ficou com preguiça. Quando

despertou novamente, já de dia, ela precisou se arrumar depressa para o trabalho porque estava atrasada. Ivan, dormia de maneira pesada do outro lado da cama.

*

Depois de notar a movimentação de Marlene engolindo o café e saindo com pressa, Ivan se levantou, foi até a sala e beliscou um pedaço de pão deixado por ela. Ao olhar novamente pela janela, agora com um cenário menos tétrico, confirmou a decisão. Pegou o celular e ligou para Dona Renata, perguntando se poderia passar na casa dela e de Seu Marcos depois do almoço. Ela não entendeu e perguntou se tinha algum motivo para uma visita de dia seguinte. Ele disse que era sobre Eduardo. Ela silenciou por um instante, mas em seguida disse que o estaria esperando.

Ivan comeu qualquer coisa, se arrumou, apanhou uma mochila e pegou um ônibus para o sul da ilha. A viagem, normalmente demorada, foi alongada pelo tráfego intenso e incomum do começo da tarde. Durante o trajeto, ele manteve o olhar na janela, mas sem se focar em nenhum ponto específico.

Dona Renata o recebeu com a mesma intensidade e educação de sempre, mesmo que tivessem se visto havia menos de vinte

quatro horas. Ela explicou que Seu Marcos estava com amigos em uma praça do bairro. Eles sentaram-se à mesa, ela serviu um café em xícaras pequenas e, não sem titubear, Ivan falou que estava interessado no paradeiro de Eduardo e gostaria de mais informações.

A mãe de Marlene evitou contato visual com o genro e demorou a encontrar palavras. Ivan sentiu que estava causando mal-estar, mas insistiu. Ela disse que Eduardo foi sempre uma mistura de orgulho com decepção. Era um menino inteligente e cheio de convicção, mas que guardava muito pra si e que, depois que desistiu de ser músico, entrou numa espiral de tristeza, voltando a morar com os pais e trabalhando num lugar qualquer só para não ser questionado. Não falava com ninguém, não saía, não tinha planos, não queria casar, nem ter filhos. Essa postura preocupava muito Dona Renata e ela não sabia o que fazer. Seu Marcos era menos paciente e muitas vezes batia de frente com o filho, ameaçando tirá-lo de casa. Hoje, ela se arrepende de não ter agido, pois foi em um dia qualquer que ela abriu a porta do quarto e ele não estava mais lá.

As buscas foram intensas no início, mas ele deixou poucas pistas. A polícia, infelizmente, não tinha muito tempo para se dedicar a um caso assim. Aos poucos, todos foram se resignando com a ideia de que ele não voltaria. Dona Renata tentou esquecer,

mas muitas vezes, no meio do dia, se pegava pensando em Eduardo e no que fez de errado.

Ivan ficou quieto, esperando que ela acrescentasse algo, mas o desgosto fez com que Dona Renata não tivesse mais vontade de falar. Ele perguntou se podia pegar algumas coisas no quarto de Eduardo. Ela disse que não gostava de entrar lá e que ele poderia ficar à vontade, pois terminaria de limpar a casa.

Ivan abriu a porta e bateu algumas fotos com o celular. Focou na cama de solteiro, em papéis avulsos, no poster da parede. Recolheu um caderno de capa preta, um documento de identidade, uma fotografia antiga de um show, uma caixa de sapatos com fitas cassete, um notebook antigo, um celular antigo com a tela quebrada e colocou tudo em sua mochila e em uma sacola. Depois da coleta, sentou-se na cadeira da escrivaninha e passou alguns segundos em silêncio, como se fosse possível descobrir algo a mais apenas respirando o ar viciado do ambiente.

Observou a fotografia, que parecia ter sido tirada em um bar de rock do começo dos anos 2000. Era um lugar escuro e precário, com paredes sujas, em uma delas escrito em letras grandes “Subúrbio Bar”. Eduardo aparecia sozinho no centro de um pequeno palco, com a guitarra pendendo sobre o corpo e as duas mãos segurando o microfone. Seu olhar encarava o fotógrafo de uma maneira desafiadora, como se dissesse que o registro da

imagem era mais intrusivo do que gostaria. Ele parecia ter em torno de vinte anos, era alto, tinha cabelos lisos e pretos que começavam a ficar grandes, o rosto pálido e cavado enquadrado por óculos escuros, uma barba por fazer e um corpo magro de quem passou por doença ou abusava de drogas, mas que estava disfarçado por uma calça jeans larga, uma camiseta cinza e um blazer escuro alguns números maiores do que o seu.

Depois de um tempo distraído, notou um par de botas ao lado do armário. Examinou o calçado. Eram coturnos desgastados, com algumas partes já perdendo o material. Olhou as solas ainda bem preservadas e viu a inscrição “EA” gravada. Tirou uma foto. Atreveu-se a cheirar dentro de um dos pés e sentiu um resquício de cânfora. Hesitou por alguns segundos, mas colocou as botas na mochila.

Ao sair do quarto, Ivan chamou Dona Renata. Os dois ficaram em pé na cozinha iluminada pelo sol do começo da tarde. Ele perguntou se poderia levar esses pertences de Eduardo e ela perguntou por quê. Sem saber explicar, Ivan disse apenas que precisava entender.

Quem não parecia entender era Dona Renata, que, mesmo temendo que essa história revivesse momentos ruins, aceitou que seu genro prosseguisse e lhe sugeriu entrar em contato com o setor de desaparecidos da polícia.

*

Depois de voltar para o apartamento, Ivan passou a se ocupar do material recolhido. Instalado no escritório, examinou as fitas cassete e notou que elas só continham o nome Mainländer seguido de numeração em ordem crescente. Contudo, sem tocar as fitas, ele não tinha muito o que fazer com elas. Examinou a carteira de identidade e pela primeira vez prestou a atenção na foto 3x4 de Eduardo. Diferente da foto do bar, ele tinha o rosto inchado, os cabelos escuros curtos e o olhar morto.

Ivan guardou o documento e em seguida pegou o caderno de capa preta com título discreto, como se fosse um álbum de uma banda de metal dos anos 90. Escritos a caneta azul, leu vários versos, muitos deles riscados, que provavelmente eram rascunhos de letras. Normalmente elas descreviam paisagens industriais decadentes e estados mentais confusos, um universo bem diferente da cidade ensolarada e relaxada onde vivia. Avançando um pouco mais nas folhas, percebeu que as letras foram dando espaço para pequenos parágrafos digressivos, alguns ilegíveis pela letra tortuosa, outros não parecendo fazer muito sentido por serem algo como fluxos de consciência:

Meus ossos colocados na rua servirão como um triângulo de suporte para um sopão a ser feito todos os dias para mendigos que orbitam pela praça com a cabeça cheia de crack; meus ossos passarão aos poucos os nutrientes da minha vida, eles decantarão na sopa, a sopa que se chamará sopa milagrosa ou sopa do santo morto, porque ela vai curar todos os mendigos do mal endêmico que é a vida.

Depois desse primeiro exame, Ivan deixou o caderno de lado e tentou ligar o notebook. A bateria não funcionou, mas ele conseguiu ligar o computador na tomada. Acessando um sistema operacional antigo, ele percebeu que não era necessário senha para entrar e imaginou que a polícia já havia desbloqueado. Vasculhou os arquivos pessoais de Eduardo e encontrou trechos de gravações caseiras digitalizadas, mas que por algum motivo não abriam; uma pasta com meia dúzia de fotos um tanto abstratas e outra com alguns documentos de texto. Fora isso, o disco parecia ter sido deliberadamente esvaziado.

Ivan abriu o navegador e checkou o histórico de acessos. Havia sido apagado também. Voltou então para os arquivos de texto e viu que se tratavam de pequenos parágrafos reflexivos, um

pouco mais organizados do que os do caderno preto, como se fossem um backup. Ivan copiou uma frase desses parágrafos e fez uma pesquisa por diferentes buscadores, mas não achou nada. Acessou então o site que arquiva páginas antigas na internet e, com um dos trechos de parágrafo, encontrou um blog chamado *Incidente Formosa*, onde estavam postados alguns dos textos arquivados, juntamente com algumas imagens que não eram mais possíveis de se visualizar. Uma delas, com o título “fuga” instigou Ivan a pensar que poderia ser uma pista do paradeiro de Eduardo, entretanto era mais uma ruína digital irrecuperável da internet.

Voltando aos arquivos locais, Ivan abriu a pasta com fotos para ver se encontrava algo. Eram fotos em baixa resolução, escuras, em que não havia elemento humano. Em uma delas viam-se as luzes de uma cidade, uma paisagem urbana e noturna onde mal se conseguiam distinguir os prédios. Outra, preto e branco, retratava o que parecia ser uma árvore sem folhas. Uma terceira mostrava os restos mortais de um animal morto, provavelmente um cachorro, com sua matéria orgânica já indissociada do chão de terra batida. A última foto era de um outdoor abandonado na beira de uma estrada, sugerindo um cenário pós-apocalíptico. Ivan deduziu que as imagens podiam ser ideias para capas de álbum.

Imerso no universo de Eduardo, Ivan não percebeu a chegada da noite. Quando ouviu o barulho de chaves na porta, saiu rapidamente do escritório e foi para a sala como se tivesse distraído com outra coisa.

Marlene chegou e deu um beijo na bochecha de Ivan. Os dois tiveram uma conversa banal comentando superficialmente sobre o dia de cada um. Ivan perguntou se ela tinha fome. Marlene disse que sim, mas que não comeria em casa. Ela tinha uma festa de lançamento da agência de publicidade e ia se arrumar para sair. Era uma campanha de divulgação de um condomínio residencial de luxo que estava sendo construído no bairro onde moravam. De modo automático, ela perguntou se Ivan não queria acompanhá-la. Ele disse que não, entendendo que ela só perguntou por educação.

Quando o assunto terminou, ele hesitou, mas disse que faria uma viagem curta. Pega de surpresa, Marlene perguntou para onde. Ele falou que iria procurar Eduardo. Marlene não conseguiu disfarçar a irritação, mas, no lugar de confrontar diretamente, perguntou se ele tinha dinheiro para essa pequena aventura. Ivan disse que havia sobrado alguma coisa de seu seguro-desemprego e

que faria a busca até onde suas economias permitissem. Marlene questionou por que ele estava fazendo isso, já que não conhecia Eduardo e o irmão era dela.

Ivan não respondeu, o que fez Marlene apontar a passividade no seu comportamento. Falou que é por isso que ele desistiu da carreira acadêmica e por isso que não conseguiu um novo emprego até hoje. Ivan falou que as coisas não eram tão simples, que largou o mestrado para não estragar o que sentia por Walser e que o mercado editorial estava muito ruim. Marlene disse que no fundo as coisas eram simples sim, que ela trabalhava o dia inteiro e pagava as contas, enquanto ele vivia no mundo das ideias. Disse estar decepcionada por ele não ser mais o mesmo cara que conheceu na faculdade, intenso e cheio de projetos. Ofendido, porém não querendo demonstrar, Ivan disse que nem tudo na vida era dinheiro, que ela também não era mais a mesma estudante de antes, inteligente e crítica, e que todo dia ele se esforçava para sair dessa situação.

Marlene encarou Ivan, pensou em dizer algo definitivo, mas desistiu e falou que ia se arrumar. Ivan desejou boa festa e se trancou no escritório. Enquanto ela tomava banho, ele ligou para seu pai. Depois de uma conversa forçada, já que não eram muito íntimos, ele pediu o Gol antigo emprestado para fazer uma viagem nos próximos dias. O pai hesitou, por conta do valor

sentimental que tinha pelo carro, mas acabou cedendo, pela culpa que sentia por sempre ter sido negligente.

No começo da madrugada, Marlene chegou em casa levemente bêbada. Sua ideia de encerrar a briga com sexo reconciliatório terminou quando se deparou com Ivan encolhido e tenso no sofá da sala. Afastou-se e foi para o quarto se deitar sozinha.

*

O sol ainda não tinha nascido quando Ivan acordou. Comeu alguma coisa rapidamente e preparou uma mochila de viagem com mudas de roupas, utensílios e alguns lanches. Em uma sacola, colocou tudo que pertencia a Eduardo. Antes de sair de casa, passou pelo quarto e observou Marlene dormir. Ela parecia mais bonita do que nos últimos meses, de um jeito indefeso, com os cabelos castanhos levemente ondulados cobrindo parte do rosto claro. Ivan pensou em dar um beijo e pedir desculpas, mas não o fez. Saiu de casa e pegou um ônibus para a região norte da cidade.

Depois da pequena viagem de ônibus, Seu Jaime recebeu Ivan no portão de sua casa mal cuidada e de estilo açoriano. Perguntou ao filho se ele não queria tomar um café, mas Ivan recusou. Ele notou uma mulher que não conhecia olhando

discretamente para os dois pela janela da cozinha. O pai tentou conversar, parecer disponível, mas esbarrou no rancor discreto do filho. Desde que a mãe de Ivan morreu, havia mais de quinze anos, os dois se distanciaram. Ivan achou que Seu Jaime foi relapso com o tratamento da doença dela e sempre o culpou por isso.

Os dois foram até a garagem, que não passava de um pequeno barraco nos fundos do terreno. O pai abriu a porta do Gol Copa 1994 cinza, um modelo quadrado que remetia à infância de Ivan. Os dois sentaram-se no carro, o pai deu a partida e deixou o motor esquentar, mantendo um barulho grave e constante no ambiente. O cheiro forte de gasolina tomou conta do ar, enquanto Seu Jaime dava detalhes específicos de como conduzir o carro, passar a marcha e apertar a embreagem, detalhes para os quais Ivan não prestou a atenção, pois estava examinando o toca-fitas.

Depois de uma meia hora de conversa, em que os dois lados evitaram qualquer possibilidade de confronto, Ivan saiu com o carro da garagem, deu uma buzinazinha de despedida e foi em direção ao setor da polícia onde ficava sediado o grupo que investigava pessoas desaparecidas.

Após esperar uma meia hora numa sala onde só havia uma secretária fardada, Ivan foi recebido pelo comandante Elói, que

parecia com pouca vontade em recuperar um caso para alguém que não tinha ligação direta com o desaparecido.

O policial convidou Ivan a sentar em sua sala abarrotada de documentos antigos e explicou que Eduardo foi trabalhar normalmente em uma terça-feira e voltou para casa, onde não houve incidentes. No dia seguinte, pegou sua mochila e deixou um celular antigo quebrado e o documento de identidade no seu quarto. Não foi encontrado no trabalho. Depois de alguma apreensão, os familiares acionaram a polícia e no final do dia iniciaram-se as buscas. Num primeiro momento, trabalhou-se com a hipótese de suicídio, por conta do perfil do desaparecido, conforme foi apresentado pela família. Nenhum grande desentendimento no trabalho, em casa, perda financeira ou desilusão amorosa foi relatada. Nenhuma carta foi deixada. Nenhuma explicação dada.

Uma única pista foi registrada e averiguada: Eduardo foi visto no município de Rancho Queimado, tirando dinheiro de um caixa eletrônico, segundo o relato de uma funcionária da agência bancária local, Michele Enger. Ela disse que Eduardo parecia um pouco nervoso e estava com dificuldades para retirar o dinheiro. As câmeras de vigilância e o registro na conta corrente confirmavam a passagem de Eduardo por ali. Ele sacou todo o dinheiro que tinha.

Passadas todas as informações, Ivan agradeceu a atenção do comandante Elói e perguntou se haveria algum problema em ele fazer uma investigação particular sobre o paradeiro de Eduardo. O policial mostrou na tela de seu computador as centenas de fotos de pessoas desaparecidas em busca naquele momento, explicando que a corporação não tinha efetivo suficiente para aprofundar todas as investigações, em especial as mais antigas. Falou que não haveria problema em Ivan prosseguir, desde que se mantivesse dentro da lei e fosse discreto.

*

Assim que deixou a polícia com uma cópia do relatório do caso, Ivan foi até uma loja de informática de um colega, onde procurou por uma bateria compatível com o notebook de Eduardo, mas, como era um modelo muito antigo, não conseguiu encontrar. Mostrou também o celular para o amigo, que disse não poder fazer nada para recuperá-lo.

Saindo dali, Ivan foi até a pequena loja de materiais de construção em que Eduardo trabalhava. Chegou sem avisar e perguntou por Jorge, o dono da loja. Depois de um pouco de resistência por parte do funcionário que o atendeu, Ivan entrou no abarrotado escritório de Jorge, nos fundos do estabelecimento. Ele,

que parecia bastante ocupado, encarou Ivan de um jeito desconfiado.

Ivan sentou-se e explicou que era namorado de Marlene, irmã de Eduardo, e que estava revendo seu desaparecimento. Jorge largou por um momento as notas fiscais que estava analisando e perguntou o que Ivan queria com essa história. Ivan ignorou e perguntou como era Eduardo no trabalho. Jorge falou que foram amigos no ensino médio e que Eduardo apareceu anos mais tarde procurando emprego. No começo, trabalhou descarregando mercadorias, mas era inteligente demais para isso, então passou a gerenciar compras e a cuidar do caixa. Eduardo era responsável, pontual, mas inflexível e sério demais. Jorge tentou se aproximar muitas vezes dele, sem sucesso. Depois de um tempo, parou de se importar, pois Eduardo desempenhava bem suas funções e não incomodava.

Ivan perguntou se alguma vez houve desentendimento no trabalho e Jorge disse que sim, mas nada sério. Contudo, poucos dias antes de desaparecer, Eduardo e Jorge bateram boca a respeito de um registro de compras errado, um jogando a culpa para o outro. Era o tipo de coisa que acontecia eventualmente e Jorge achava que não era o suficiente para Eduardo largar tudo. Contudo, Ivan notou certo ar de culpa em Jorge. Impaciente e olhando para o relógio, sugeriu a Ivan falar com Aline, que foi

namorada de Eduardo e que manteve contato com ele por muitos anos. Talvez ela pudesse explicar algo sobre sua vida pessoal, à qual ele tinha pouco acesso.

Ivan agradeceu as migalhas de atenção, saiu da loja e mandou uma mensagem para Aline, explicando o que queria. Já era perto de meio-dia e ela sugeriu almoçarem em um restaurante no centro, perto de onde ela trabalhava. Ivan aceitou, pegou o carro e foi em direção ao endereço combinado.

*

Na frente do prédio onde Aline trabalhava, antes de conversarem, Ivan a observou, como se tentasse entender o que ela poderia esconder. Aline tinha mais ou menos a idade de Eduardo, em torno de quarenta anos, mas mantinha um ar de juventude por conta dos cabelos coloridos e da tatuagem de coruja no braço, remetendo à época em que frequentava os bares de rock no começo dos anos 2000. Aline se apresentou, disse que trabalhava em um portal de notícias local e fizera parte do grupo de amigos de Eduardo, na época em que eles eram universitários. Chegaram a namorar por poucos anos, mas mesmo depois de se separarem não perderam o vínculo. Atualmente, era casada com um dos diretores da empresa e não tinha filhos.

Aline tinha perdido a fome. Apontou para uma pequena praça atrás de um casarão antigo e disse para se sentarem ali. Ivan escolheu um banco de concreto embaixo de uma árvore para fugir do sol. Adolescentes amontoados falavam alto em outro banco perto deles. Aline acendeu um cigarro e entre tragadas raspava uma unha na outra.

Ela explicou que conheceu Eduardo em alguma festa na faculdade, ela fazia jornalismo, ele, letras. A música foi o que os uniu num primeiro momento, tinham gostos parecidos e ela gostava de sua voz de barítono desanimado.

Eduardo não era uma pessoa agradável, mas tampouco incomodava, disse Aline. Guardava o mau humor e a depressão para si. Esse jeito meio rabugento e misterioso de certa forma atraiu ela, que via nele uma intensidade discreta e diferente das pessoas que estavam em sua volta.

Iniciaram um namoro que começou intenso, mas esfriando com o tempo. Eduardo não tinha vontade de sair, a não ser para poucos eventos relacionados a música, ao contrário de Aline, que queria estar onde a vida acontecia. Ele parecia cada vez menos interessado nela ou nos outros, então, para não piorar a situação, ela rompeu o relacionamento. Alguns meses depois, passadas as mágoas, voltaram a se falar por e-mail e mantiveram uma correspondência íntima que durou muitos anos. Interrompendo

seu relato por um instante, Aline conferiu a caixa de entrada do seu e-mail antigo, como se ainda esperasse uma resposta dele.

Ela terminou dizendo que ele nunca teve redes sociais, nunca quis ter smartphone e parou em definitivo de sair de casa quando desistiu da música. Ela era uma das poucas pessoas que conseguia ter acesso à sua bolha.

Ivan mostrou a foto que recolheu do quarto de Eduardo. Aline explicou que era um show em que ele tocou no dia do fechamento de um bar importante para a cena de rock alternativo da cidade. Ele sempre se sentiu incompreendido e sabia que a maioria dos frequentadores apenas tolerava a música entorpecida que fazia. Eram poucas pessoas como Aline que entendiam o que ele estava propondo.

Ivan perguntou se ela fazia ideia para onde ele teria ido. Ela disse não ter certeza, mas, nas últimas conversas que tiveram por e-mail, ele estava mais esquivo do que o normal. Ela acreditava que, se ele de fato não se matou, haveria ido para um lugar bastante isolado e que nunca iriam achá-lo.

Sem ter mais o que questionar, Ivan perguntou se podia ter acesso às conversas por e-mail. Ela hesitou, por terem um conteúdo muito íntimo, mas simpatizou com Ivan. Disse que de certa maneira ele lembrava Eduardo. Ela passou alguns minutos

mexendo no celular, até que enviou um arquivo com toda conversa compilada.

O cigarro tinha acabado, Aline pensou se acendia outro para estender a conversa, mas viu a hora e sabia que precisava voltar para o trabalho. Desejou boa sorte e pediu para que ele enviasse informações caso descobrisse algo.

Ivan saiu com a sensação de que podia ter extraído mais de Aline. Os e-mails, contudo, deveriam ajudar. Ele voltou para o carro e, antes de sair da ilha, estacionou em um bolsão de uma avenida. Desligou o motor, inclinou o banco e deu uma última repassada em todo o material que tinha coletado: o notebook desligado, o caderno preto, a foto do show, a identidade, as fitas cassete, as imagens que fez do seu quarto, a cópia do relatório da polícia e os e-mails de Aline. Nesse momento, lembrou-se das botas. Retirou-as da sacola e examinou mais uma vez. Sem pensar muito, tirou seu tênis e decidiu calçá-las. Ficaram um pouco largas, provavelmente Eduardo tinha um físico mais robusto que o dele. Ivan pisou firme no chão e sentiu que os calçados foram se ajustando em seus pés.

Ele deu a partida no Gol e colocou uma das fitas cassete para tocar enquanto atravessava a ponte no sentido Continente. Entre chiados, ouviu um trecho de som que parecia ser de um filme antigo. Uma voz grossa dizia: *Then I'll give you the truth, the*

man you once knew is no more. Em seguida, começou uma bateria em um ritmo lento, entrou um baixo que fazia o papel do que seria da guitarra e que foi ficando cada vez mais grave. Por último surgiu uma voz, que deveria ser de Eduardo. Sem qualquer ênfase, ele cantava:

É tempo de matar
é tempo de matar o tempo
e se deixar levar
pelo mar
e desistir
de amanhecer
e voltar a perecer
sem você

A letra deprimente e hipnótica, o cheiro forte de gasolina e os fragmentos de memória de infância que surgiam de detalhes do carro (como o pai batendo com força no encosto do passageiro enquanto ignorava o que a mãe falava), colocaram o humor de Ivan para baixo. Ele se questionou por que estava fazendo isso, se desentendendo com Marlene, gastando o último dinheiro que tinha e fugindo dos problemas de casa. Pisou no acelerador e não respondeu às próprias perguntas.

II

Ivan chegou a Rancho Queimado no começo da tarde. Tinha visitado a cidade há muito tempo a ponto de não se lembrar do motivo. Avançou pela rua central, praticamente a única da cidade, e chegou até a praça ladeada por pequenos comércios e a prefeitura.

Depois de estacionar o carro, foi até o único banco da cidade e perguntou pela funcionária pública Michele. O vigia apontou à qual mesa Ivan deveria se dirigir e em seguida ela apareceu com documentos na mão, com o possível intuito de vender algum serviço bancário.

Ivan explicou por que estava ali e de imediato notou a decepção contida em Michele. Ela era uma mulher de mais de quarenta anos, olhos frios e cabelos loiros, com um penteado de algumas décadas atrás. Aparentava ter um espírito ambicioso e incompatível com as possibilidades de uma cidade pequena como aquela.

Os dois se levantaram e foram até a área dos caixas eletrônicos. Michele disse que já não se lembrava direito de Eduardo e que relatou tudo como aconteceu na época para a polícia. Mesmo assim, Ivan insistiu para que ela contasse o que lembrava. Michele espiou disfarçadamente para o relógio e explicou que, naquela dia, havia poucas pessoas na agência, até que notou um homem impaciente tentando fazer um saque no caixa eletrônico. Ela se aproximou oferecendo ajuda, mas ele recusou e sequer olhou para ela. Michele suspeitou do comportamento, pediu para o vigia observá-lo e ligou para o setor de segurança rastrear a operação daquele caixa eletrônico. Enquanto fazia este contato, o homem já tinha conseguido realizar o saque e saído do banco. O setor de segurança checkou os dados e não encontrou possibilidade de risco, tirando o fato de que a conta corrente tinha sido zerada. O episódio ficou por aí mesmo, até que alguns dias depois a polícia apareceu na agência fazendo perguntas para ela.

Ivan agradeceu pelo relato e perguntou se ela poderia fazer alguma ideia do paradeiro de Eduardo. Ela disse que não teria como, pois sequer conversaram, mas imaginava que ele devia ter seguido a rodovia em direção ao interior, pois se estivesse na região já teria sido encontrado, já que todos sabiam da vida de todo mundo ali.

De maneira inesperada, Michele prolongou a conversa e perguntou de onde era Ivan e quanto tempo pretendia ficar na cidade. Ele descreveu sua busca da maneira mais superficial possível, não dando margem para derivações. Mesmo assim, ela insistiu na conversa, contando um pouco de sua vida banal, e Ivan se questionou se o seu interesse seria apenas vender serviços bancários. A mulher que quinze minutos atrás parecia sem paciência, agora queria a todo custo manter Ivan dentro da agência. Impassível, ele agradeceu mais uma vez e disse que precisava ir.

Ao sair, Ivan ficou sem saber o que fazer, então andou um pouco pela praça central, que tinha uma grande estrutura metálica azulada que servia para abrigo em dias de chuva. Embaixo dela, alguns moradores vendiam produtos locais, como geleias, pães, facas artesanais e outros utensílios típicos da região. Ivan caminhou entre as mesinhas como se fosse um turista comum. O homem que vendia facas foi mais assertivo e abordou Ivan, mostrando seus produtos. Evitando ser mal-educado, ele ouviu toda a explicação de como eram feitas e, quando o homem terminou, ele mostrou a foto que tinha de Eduardo. Irritado com o desinteresse de Ivan, o homem mal olhou para a foto e insistiu na venda. Ivan agradeceu rispidamente, mas disse que estava sem dinheiro.

Julgando que seria um bom momento para encontrar um lugar para se hospedar, Ivan cruzou a rua, entrou em uma casa convertida em um hotelzinho de dois andares que, apesar da estrutura de alvenaria tipicamente brasileira, tinha detalhes postiços de arquitetura enxaimel alemã.

Este adorno, que servia para criar uma imagem europeia na região com o objetivo de atrair turistas, era um padrão seguido por todo o interior onde havia influência germânica, em uma tentativa de se parecer com o que não era. Ivan pensou se essa insistência em ser outro também não estava presente no gosto de Eduardo pelo rock alternativo americano e mesmo nele, pela literatura do suíço Robert Walser. Sem chegar a uma resposta, questionou-se se uma cultura nacional realmente daria conta de definir a experiência de uma vida ou de uma comunidade.

Lembrou-se, por conta desse devaneio, das diversas viagens que fez durante a infância para as cidades que ficavam entre a capital e a serra, em uma corrida patética que algumas famílias faziam para aproveitar um único dia de neve rala do ano na Europa brasileira. Riu consigo mesmo da recordação e pensou que não se sentia parte de nenhum lugar.

No hotel, ele se aproximou do balcão, onde uma senhora o recebeu. Ela mostrou a pequena sala ao lado, que funcionava como café e restaurante, e subiu com ele ao andar de cima para

mostrar um dos cômodos. Era um quarto simples, com duas camas de solteiro e móveis comprados em alguma loja local, muito longe da estética neutra e moderna dos hotéis mais profissionais. Entre as duas camas havia um criado-mudo com uma pequena bíblia de capa azul. Na parede em frente à cama, um quadro amador de um campo de trigo com montanhas ao fundo. Ivan pagou adiantado à senhora e se acomodou.

Deitado na cama, repassou as informações que tinha sobre Eduardo. Pensou como prosseguir e ficou surpreso por já se sentir sem opções, mal tendo iniciado a busca. Decidiu então descer e caminhar no entorno. Entrou em alguns estabelecimentos como uma farmácia, cartório e mercado e mostrou a foto de Eduardo para algumas pessoas. Ninguém o reconheceu. Pensou em perguntar em algumas casas mais afastadas na zona rural, mas sentiu que não valia a pena. Chegando a noite, o pouco comércio da cidade já havia fechado e ele voltou para o hotel.

Deitado mais uma vez na cama, Ivan pensou que talvez Marlene tivesse razão sobre a irresponsabilidade dessa aventura. A polícia já tinha investigado o possível e um amador como ele não descobriria nada de novo. Pensou em dormir hoje por ali, já que a diária estava paga, daria mais um tempo na cidade e, se não encontrasse nada, voltaria para casa e pediria desculpas a ela.

Ivan se esforçou para dormir, mas não conseguiu. Devia ser ansiedade ou culpa. Olhou as horas, era começo de madrugada. Levantou-se, foi até a janela e observou a praça deserta. Sem saber o porquê, botou uma roupa para enfrentar o frio, saiu do hotel e entrou no carro. Teve a impressão de que durante o trajeto estava sendo observado.

Meditou em silêncio. Pegou uma das fitas de Eduardo e botou para tocar, a mesma que ouviu no trajeto até ali. Durante o trecho do trecho do filme, a bateria, o baixo e o vocal, fechou os olhos.

Visualizou o auditório da universidade. Lembrou-se de uma sessão de cineclube, um filme antigo, de faroeste, em preto e branco. Um homem e uma mulher se encaravam. A luz era fraca, o que deixava seus rostos quase na penumbra. O homem de preto e chapéu de couboi se inclinou para a mulher de vestido e chapéu com flores e falou: *Then I'll give you the truth, the man you once knew is no more*. O olhar de Ivan se deslocou da tela para algumas cabeças à sua frente. Distinguiu um casal, ela com cabelos loiros e com o braço em volta dele, que tinha cabelos curtos e escuros. Notou a tatuagem no braço da moça, uma coruja. Ivan se levantou do acento e foi na direção dos dois. Quando ia falar algo, acordou.

Meio tonto, Ivan saiu do carro e voltou para o hotel. Deitou-se, conseguiu finalmente descansar e acordou tarde no dia seguinte. Desanimado, arrumou seus pertences, pensou em tomar um café no andar de baixo e depois daria uma última volta pela cidade antes de voltar para casa.

O café do hotel, que não passava de uma lanchonete de interior, atendia mais gente da própria Rancho Queimado do que turistas. Ivan tomou um café com leite e um queijo quente, enquanto olhava fotos do quarto de Eduardo no celular. Pegou um bloco de notas e começou a rabiscar algo, na tentativa de que seu subconsciente encontrasse algum detalhe que ainda não tinha percebido. Nada aconteceu.

Levantou-se, pagou pelo café, agradeceu à dona do hotel e saiu com sua mochila nas costas. Mal deu alguns passos para fora e foi abordado por um senhor magro de roupas amassadas, que questionou se Ivan estava procurando pelo *homem que sumiu*. Ivan perguntou como ele sabia disso. O senhor disse que as notícias corriam rápido por ali.

Os dois ficaram em silêncio por um instante até que Ivan perguntou se ele saberia dizer onde o homem estava. O senhor disse que sim, mas que daria essa informação por um preço. Decepcionado, Ivan perguntou quanto. O homem disse um valor suficiente para comprar uma bebida barata no mercadinho. Ivan

pegou a carteira e passou para ele algumas notas velhas. Depois de agradecer de um jeito nervoso, o senhor disse que viu o homem saindo da cidade e pegando um ônibus em direção a Alfredo Wagner. Fazia alguns anos, mas ele se lembrava bem. Era final da tarde, ele estava na entrada da cidade e viu esse homem esquisito esperando pelo ônibus que nunca chegava.

Ivan agradeceu a informação e perguntou se ele contou isso para a polícia na época. O senhor negou, dizendo que não quiseram ouvi-lo. Ivan se despediu e foi até seu carro, onde se sentou por um instante. A informação era pouco confiável, provavelmente ele inventou essa história só para beber, pensou resignado.

Ivan ligou o carro, pegou a rua principal e foi até a entrada de Rancho Queimado. Parou por um instante, esfregou as mãos na testa e ao invés de pegar à esquerda na rodovia para retornar a Florianópolis, tomou a direção a Alfredo Wagner.

*

Durante o trajeto, colocou outra fita cassete de Eduardo para tocar. Enquanto rodava a estrada cercada de vegetação selvagem, ouvia uma música semelhante à da fita anterior: um rock de batida lenta, acordes esparsos e voz desanimada. Percebeu porém

um investimento maior na guitarra, de timbre pesado, dando à composição um ar menos seco. A letra era direta e tinha o mesmo tom sombrio:

Quando morrer
depois de anos
bote meus ossos
na praça central
e pergunte
balançando os sinos
quem é o responsável
pelo ato banal

Ivan lembrou-se do parágrafo no caderno que também falava de ossos e teve a sensação de aos poucos entender o universo de Eduardo. Não sabia se esse conhecimento ajudaria de algum modo na investigação, mas começava a se sentir familiarizado com sua visão de mundo.

Voltando a se concentrar na estrada, ao sair da rodovia e entrar no trevo que dá acesso à cidade, notou que Alfredo Wagner era um pouco maior do que Rancho Queimado. Com um centro formado por poucas quadras, muitas delas ocupadas por prédios de três andares, percebeu que no térreo sempre havia algum pequeno comércio. Ivan estacionou o carro na frente de um posto

de gasolina e entrou em uma loja de roupas para mostrar a foto de Eduardo, depois em uma lanchonete, uma agroveterinária, um mercado e uma farmácia. Ninguém o reconheceu, como era provável, mesmo que não quisesse admitir. No início, tinha imaginado que a busca seria complicada, mas só agora começava a assimilar a frustração dessa dificuldade.

Deu voltas pelas ruas vazias e chegou na pequena praça central, onde ficavam a prefeitura, a escola pública, o posto de saúde e mais algum comércio. Sentou-se em um dos bancos da praça e não soube o que fazer. Observou a árvore no centro, a placa comemorativa, os colonos que pareciam estar no horário de descanso do trabalho. Apesar do sol forte, fazia frio. Fumaria um cigarro, se tivesse. Olhando para o outro lado da rua, viu uma mulher encostada no pilar de uma loja que encarava tediosamente o celular. Ao respirar fundo, Ivan sentiu como se estivesse de férias de sua vida, só que férias mal aproveitadas.

Um pouco ansioso, fez uma pausa para almoçar. Comeu em um dos poucos restaurantes da cidade, que servia comida “caseira” em um pequeno buffet. Todos o observavam, talvez porque fosse evidente que ele não era dali. Ivan fingiu não se importar, botou a cara no prato, terminou a refeição com pressa. O caixa também não reconheceu Eduardo. Mesmo sendo um preço mais barato do que estava acostumado em Florianópolis, checkou sua conta e viu

que o dinheiro não ia durar muitos dias. Decidiu que iria economizar nos gastos.

Sem muitas opções, ao voltar para dentro do carro, começou a ler o arquivo com a compilação de e-mails entre Aline e Eduardo. Eram muitas mensagens, várias delas ininteligíveis sem o contexto. Algumas falavam de bandas obscuras que provavelmente só Eduardo conhecia, como uma de pós-rock do Peru, ou de um curta-metragem *found footage* com intervenção direta na película, que viram em um cineclube algumas décadas atrás.

Havia também comentários amargos sobre conhecidos que fizeram sucesso efêmero. Eduardo foi testemunha da morte de uma cena criativa, sendo ele umas das vítimas mais discretas, revelando o quanto a região onde vivia era avessa a formas de vida que tentassem se manter por meios diferentes que não as profissões mais tradicionais. Foi nessa época, resignado, que ele pediu o emprego na loja de materiais de construção de Jorge.

Outras mensagens eram menos um diálogo e mais um repositório de impressões do cotidiano, como a descrição que Aline fez de uma balconista de farmácia de uns cinquenta anos e de como conseguia perceber que ela era uma pessoa solitária só pela maneira com que segurava as caixas de remédio e digitava pesadamente as informações no computador. Esse tipo de recorte

da realidade abundava na conversa de e-mail e, a partir de um olhar apurado, parecia dizer mais do que certos comentários diretos.

Ivan perdeu a noção de tempo enquanto lia as mensagens. Tinha a estranha sensação de estar se tornando íntimo de Eduardo. Perguntava-se por que estava fazendo isso, por que o seu desaparecimento o interessava tanto. Uma das mensagens não saiu de sua cabeça. Eduardo escreveu a seguinte frase que ouviu de um homem esquisito em um sonho: “*Fumaças são só fogueiras sonhando com pessoas*”.

Ivan saiu mais uma vez do carro e andou sem rumo pela cidade. Saiu da região central e pegou um caminho que se aproximava da rodovia, passando por terrenos abandonados, construções pobres de alvenaria e casas de madeira decadentes.

Mais à frente, notou uma movimentação incomum de pessoas, que passou a acompanhar. Depois de alguns metros percebeu que se dirigiam à igreja matriz, que de maneira incomum não ficava na praça central da cidade. Por curiosidade, avançou e se aproximou da construção um pouco acanhada, de cor creme com detalhes em rosa. Ao entrar no edifício, se deteve no piso amarronzado com padrão geométrico e só depois percebeu o ar pesado entre as pessoas que se acomodavam nos bancos de madeira.

A cerimônia iniciou, no horário pouco comum do começo da tarde, e Ivan imaginou ser um encontro especial. Do que conseguiu entender, era a missa de sétimo dia do falecimento de uma adolescente. Algumas pessoas usavam camisetas com seu rosto estampado, pedindo por justiça. Depois das palavras do padre, uma senhora de meia idade, provavelmente a mãe da jovem, se levantou e abatida disse poucas palavras: “Achei que a dor de ter a Luiza desaparecida ia acabar, mas agora entendo que isso vai durar pra sempre.”

Não querendo continuar nesse ambiente fúnebre, Ivan saiu discretamente da igreja e caminhou de volta ao centro. No trajeto, pesquisou notícias sobre a morte de Luiza. Descobriu que a garota de quinze anos estava desaparecida fazia dois meses. Seus restos mortais foram encontrados na beira do rio que corta a cidade, numa região isolada. Não se sabia se ela tinha se suicidado ou se fora assassinada, mas todos tinham seus suspeitos.

Ivan tentou se concentrar novamente na busca de Eduardo. Sem alternativas, foi até a delegacia da cidade, uma casa de dois andares pintada de cor escura para camuflar sua característica residencial. Chegando na recepção, foi encaminhado para a mesa de um policial de meia idade. Explicou a ele a situação da maneira mais neutra possível. O policial não deu muita atenção, e parecia mais preocupado com alguma pendência burocrática de

que tratava. Ivan sugeriu que ele olhasse registros de ocorrência de quatro anos atrás nos dias seguintes ao desaparecimento de Eduardo. O policial se levantou sem vontade e demorou quase uma hora para retornar com as fichas das datas correspondentes.

Depois de sentar-se, espalhou os documentos na frente de Ivan. Descartou os furtos de sujeitos já conhecidos na cidade, brigas em bares e a única possibilidade que considerou foi a de um sujeito perturbando a paz na praça durante a madrugada. Ele estava bêbado, falando alto e foi informalmente conduzido para a rodovia porque não era da cidade. O boletim dava a informação vaga de que ele foi visto pegando carona em um caminhão.

Ivan perguntou se teria como falar com o responsável por este boletim, mas a resposta foi negativa, pois o funcionário já estava aposentado. Ele insistiu e pediu o telefone. A contragosto, o policial acabou passando o número. Desconfiado, questionou por que Ivan estava querendo essas informações. Disse que era praticamente impossível localizar uma pessoa desaparecida depois de tantos anos. Ivan concordou, mas disse que precisava tentar. Impaciente, o policial falou que era o que tinha para colaborar e desejou boa sorte.

Enquanto andava em direção ao seu carro, Ivan ligou para o ex-policial. O telefone de número fixo chamou por um longo tempo até que uma voz áspera atendeu. Ele tentou explicar

resumidamente a situação, mas o homem, além de arredo, disse não se lembrar da ocorrência. Antes de desligar, soltou um xingamento um pouco distante do telefone, mas ainda audível. Irritado, Ivan guardou o telefone no bolso.

Ao se sentar no carro, Ivan outra vez não soube o que fazer. Botou a fita para tocar e ouviu músicas parecidas com as de antes. Ligou o motor de barulho grave e sentiu subir o cheiro da gasolina. Olhando para a fachada de um hotel, lembrou-se de um momento na infância quando ele o pai e a mãe estavam saindo deste carro em uma cidade pequena. O pai estava retirando as malas e ele, com não mais do que seis anos, quis ajudar. Quando puxou uma delas, viu que não ia aguentar o peso, então deixou cair no chão. A mala bateu no pé do pai e se abriu. Várias roupas íntimas da mãe se espalharam na rua. Enquanto o pai xingava, a mãe, constrangida, recolhia as peças na frente dos funcionários do hotel. Nem pai, nem mãe o repreenderam, mas Ivan teve a sensação de que este pequeno episódio estragou não só o clima da viagem, mas criou uma distância e uma raiva contida que nunca se resolveu entre ele e o pai. Esse comportamento passivo-agressivo, refletiu, era reproduzido por ele mesmo agora como adulto.

Tentando se livrar desta lembrança, Ivan deu a seta e seguiu em direção à saída da cidade. Alfredo Wagner ficava em uma

espécie de encruzilhada. Eduardo, se foi ele mesmo que pegou a carona com o caminhoneiro, poderia ter ido para o sul, em direção a Bom Retiro, ao norte para Leoberto Leal, ou para o oeste rumo a Ituporanga.

Sem ter razões claras para escolher, Ivan optou pela última. Teve a impressão de que este poderia ser o destino, já que era a maior cidade, o que aumentava a probabilidade de ser rota de caminhão. Mas esse era um raciocínio tão débil, que Ivan dirigia pela estrada sem a menor convicção.

*

O estado do asfalto era cada vez pior. Com o barulho grave de trovoadas, Ivan percebeu que começavam a cair pingos grossos e esparsos de chuva sobre o para-brisa. Ao seu lado, corria um rio que por vezes fica à vista entre eucáplitos. Botou a terceira fita cassete pra tocar e ouviu um conjunto de canções bastante distintas das coletâneas anteriores. Eduardo não estava mais preso ao estilo de rock alternativo da sua época. Não havia mais baixo, bateria ou guitarra no instrumental. Apenas um violão e sua voz grave reverberando, em uma espécie de folk sombrio. Poderia estar apenas seguindo novas tendências de sua época, ou optando por um caminho próprio. Ivan não tinha conhecimento musical

suficiente para saber disso. A letra, escrita do ponto de vista de um narrador já morto, dizia:

Brinquei de desistir
do riso amargo, no paladar
do escanteio curto, sem encontrar
da vida útil, sem terminar
da morte lenta, à beira-mar
eu vou, ou talvez não
perecer sem ti

O tom carregado, quase exagerado, fez Ivan refletir se não havia certa teatralidade na tristeza de Eduardo. Devia ser difícil manter um tom tão pesado de maneira contínua. Ivan pensou se também não agia assim, de um jeito dramático. Chegou à conclusão de que tinha uma personalidade mais discreta que a de Eduardo e que talvez por isso nunca tenha tido coragem de subir em um palco ou falar em público.

Já era noite quando chegou em Ituporanga. A chuva aumentara, o que deixou a cidade com um clima deserto. Abasteceu o carro e checkou sua conta bancária diminuta. Em um mercadinho, comprou pão, queijo, água e fez um lanche dentro do próprio carro, com uma vergonha injustificada. Rodou um pouco pela cidade e observou o comércio fechado. Mapeou onde

ficava a prefeitura, a polícia e o hospital. Todas essas cidadezinhas de interior eram como uma só, pensou. Estacionou o carro em frente à farmácia, um dos únicos lugares ainda abertos. Ficou em silêncio ouvindo as músicas de Mainländer, acompanhado pelos pingos de chuva que batiam no teto do carro.

Depois de um longo tempo estacionado, Ivan percebeu olhares desconfiados de dentro do estabelecimento. Saiu dali, rodou mais e estacionou em um parque afastado. Além do frio e da chuva, a voz monótona e deprimente de Eduardo fez sua cabeça pesar.

Olhou as horas e decidiu dormir ali mesmo, dentro do carro, para não ter que pagar por hospedagem. A jaqueta que vestia não era o suficiente para aquecê-lo e o carro não tinha ar climatizado. Os vidros embaçaram e Ivan se esforçou para dormir. Quando apagou, teve flashes de ele, Marlene, Aline e Eduardo numa situação esquisita.

Todos estavam na frente de um bar de rock que ficava ao lado de um lago. O barulho de instrumentos começou a ressoar e um grupo de jovens entrava aos poucos. Ivan e Marlene observavam Eduardo tocar sozinho no palco, com uma luz fantasmática sobre sua cabeça. No outro lado do bar, encostada em um balcão, Aline encarava Ivan ou Marlene, ele não sabia dizer. Eduardo percebeu a troca de olhares a ponto de perder a

concentração. Aline virou a dose de alguma bebida em um copo plástico e foi em direção ao casal. Contrariado, Eduardo jogou a guitarra no chão, o que provocou um estouro nas caixas de som, desceu do palco, interrompeu Aline, esbarrou em Ivan, saiu do bar e se jogou de maneira performática no lago. A festa continuou e ninguém pareceu se importar, apenas Ivan.

Acordou com alguém batendo na janela do carro. Baixou o vidro e viu um policial, que perguntou o que ele estava fazendo ali. Ivan deu a desculpa de que estava em viagem e decidiu descansar antes de seguir pela estrada. O policial não se convenceu e disse que ele não podia ficar, senão seria multado. Teve a impressão de que o oficial estava um pouco apreensivo. Seria seu semblante? Ele se olhou no espelho e fora os cabelos espetados do sono e a cara meio carrancuda, não notou nada de anormal.

Ivan saiu aos olhares da autoridade. A chuva cessara, mas as ruas estavam molhadas. Rodou devagar até que parou em frente ao hospital da cidade, o único lugar aberto na madrugada. Se ficasse sem fazer nada por mais alguns minutos provavelmente iria dormir, então saiu do carro e com vergonha entrou no pequeno prédio de três andares.

A luz fluorescente e o ambiente branco agrediram seus olhos, mas depois de alguns minutos se acostumou. Não havia quase

ninguém no pronto socorro e por isso tentou não chamar a atenção da recepcionista. Virou à esquerda sem saber para onde estava indo e parou na frente de uma máquina de café. Inseriu uma moeda e ouviu um barulho estridente saindo da máquina, como se ela fosse morrer. Depois de instantes, um líquido parecido com café foi despejado dentro de um copinho pardo de plástico.

Ivan pensou em se sentar na recepção, mas era acompanhado pelo olhar desconfiado da recepcionista. Saiu do hospital e voltou para seu carro. Como o tempo estava frio e úmido, não tinha outra opção senão entrar no veículo. Acomodado, tomou o café em dois goles para não sentir o gosto. A bebida pareceu ativar um pouco sua mente e o sono se dissipou. Olhando para a fachada do hospital, lembrou dos últimos dias de sua mãe.

Foram dois anos de angústia. Ivan odiava o uso das palavras batalha, guerra ou luta para falar de um tratamento de uma doença com mau prognóstico. Todos sabiam que ela morreria, mas um teatro de falsas esperanças era realizado para aliviar o sofrimento não só dela, como da família. Chegou um momento em que o tratamento em casa não era mais viável, pois a dor era insuportável. Ela não comia nem bebia direito, tinha a pele muito amarelada e quase não saía da cama. Foi levada a um hospital onde ficou por duas semanas na UTI. Um dia antes de ela morrer,

Ivan foi se despedir. Ele tinha catorze anos. Pegou sua mão direita e se assustou com o braço muito inchado por conta do tempo deitada na cama. Não sabia o que falar e não sabia se ela ouviria algo, pois estava sedada. Desajeitado, disse que a amava e que nunca a esqueceria. Não sabia se isso era verdade e não conseguiu chorar. O pai, que já era separado dela, não a visitou no hospital, foi visto bebendo em um bar e apareceu atrasado no enterro. Foram só alguns dias depois que Ivan sentiu o peso da perda. Passou semanas trancado no quarto e emagreceu quase dez quilos por uma culpa que não entendia.

Para fugir das más lembranças, abriu o caderno de Eduardo e começou a reler seus textos, na tentativa de encontrar alguma pista. Alguns dos parágrafos eram ilegíveis. Não pôde evitar a leitura de um trecho do que parecia ser uma mistura entre diário e fluxo de consciência:

Preferia sumir na escuridão de uma selva do que agonizar em uma cama de hospital dessa agência funerária chamada sistema de saúde. Milhares de pessoas excretando fluidos, lençóis velhos, soros diluídos, aventais rasgados, luvas descartáveis, fraldas usadas, cafezinhos amargos, bisturis enferrujados, panos sujos, corredores

fedendo à água sanitária, cheiro de morte,
vômito e remédio vencido em todo lugar.

Assustado, acordou com a claridade do sol batendo no rosto. O caderno tinha caído no chão do carro e Ivan não soube dizer por quanto tempo tinha adormecido. Sentiu-se um pouco envergonhado de ter baixado a guarda. Olhou em volta e não notou ninguém, fora um homem de meia idade que levava uma senhora de cadeira de rodas para dentro do hospital.

Viu que ainda era cedo, deu a partida no carro e saiu. Rodou um pouco pela cidade à procura de uma padaria para tomar um café da manhã, quando seu celular vibrou. Parou o carro e viu que era uma mensagem de Marlene. Sem o teatro passivo-agressivo que normalmente representavam, ela escreveu:

Onde tu tá? Tu não liga, não deixa mensagem.
Por que tu faz isso, caralho? Volta pra casa. Eu
tô com saudade, tudo que aconteceu, que tá
acontecendo, é besteira. Vamos conversar.
Volta, não quero te perder também.

Ivan pensou que a mensagem devia ter sido escrita depois de uma noite mal dormida. Sentindo um misto de impaciência e pena, optou por não responder.

Estacionou o carro em frente à padaria, comprou uns pães e frios e pegou um cafezinho no copo plástico. Enquanto pagou, mostrou a foto de Eduardo para os funcionários, mas, como esperado, ninguém reconheceu.

Voltou para o carro e comeu apressada e ansiosamente. Olhou o celular, hesitou, mas fez a ligação. Pensou em discar o número de Marlene, mas foi com Aline que falou. Perguntou se ela tinha um tempo para conversar e ela, apesar de parecer ocupada, assentiu. Ivan explicou tudo que aconteceu desde então e que leu os e-mails entre ela e Eduardo. Em seguida, perguntou sobre a frase enigmática do sonho sobre fogueiras que sonham pessoas. Ela ficou em silêncio até que disse se lembrar da frase. Questionou o que ele queria com isso e o que teria a ver com a busca de Eduardo. Ivan explicou que qualquer detalhe fazia diferença e ele tinha a intuição de que podia ajudá-lo.

Aline explicou que, apesar de parecer frio e racional, nos últimos anos Eduardo tinha começado a flertar com certo misticismo, como Ivan talvez tivesse notado em alguns textos deixados no seu caderno preto. Ela disse que algumas imagens ficaram recorrentes, como fantasmas, pássaros, ossos, fogueiras e cruzes. Ele começou a acreditar na ideia de que esses símbolos, quando escritos ou desenhados, poderiam provocar algum efeito na realidade, seja de proteção ou ataque. Aline achava meio

ridícula e preocupante essa postura, mas nunca falou nada para ele. Não sabia dizer o que significa exatamente aquela frase sobre o fogo, mas talvez indique que ele possa ter ido para um ambiente rural.

Assim que desligou o telefone, Ivan saiu do carro e entrou de loja em loja no que parecia ser a principal rua do comércio da cidade. Depois de cada abordagem, as pessoas o olhavam esquisito, como se suspeitassem de algo que ele não sabia muito bem o que era. Olhou mais uma vez sua aparência para ver se estava apresentável e não percebeu nada anormal.

Depois de passar por umas dez lojas e quase desistir, Ivan entrou em uma agropecuária. A loja estava escura e vazia. Entre sacos de produtos químicos, gaiolas e caixas com produtos para animais, surgiu um homem calvo de meia idade, perguntando se Ivan precisava de ajuda.

Ele explicou a situação e mostrou a foto para o homem, que a segurou com as duas mãos, como se fosse um objeto valioso e tentou entender a cena em que Eduardo estava tocando no palco do bar de rock.

O homem fechou a cara e disse que sim, que tinha visto esse homem por aqui. Já fazia um bom tempo, mas o rosto ficou marcado na memória dele, porque ele deixou muito mais dinheiro do que deveria na compra que fez. Quase não acreditando, Ivan

perguntou o que ele comprou. O homem disse que eram utensílios que não saíam muito, coisas para acampamento, ele não lembra bem quais, mas tinha quase certeza de que era esse o homem.

Ivan questionou para onde ele poderia ter ido. O homem disse que na região não havia muita opção para acampar, mas que um pouco mais pra frente, em Agrolândia, era mais comum. Ivan agradeceu e o homem ficou parado olhando para ele. Um silêncio esquisito se formou, até que ele entendeu mais uma vez que o homem esperava ser retribuído. Ivan olhou para os lados e a única coisa que conseguiu visualizar era um saco de cinco quilos de ração para galinhas. Pegou um desses sacos e foi até o caixa. Pagou com o pouco dinheiro que ainda lhe restava.

De volta ao carro, depois de botar o saco no porta-malas, Ivan abriu o mapa no celular e olhou as cidades da região. Seguindo para o interior, ele teria como opções Rio do Sul, que era uma cidade-polo, Petrolândia e a mencionada Agrolândia. Considerando que não tinha muitas opções fora seguir o fiapo de pista que tinha surgido, saiu de Ituporanga, pegou a rodovia e seguiu para a cidade indicada.

Durante o trajeto curto até Agrolândia, em que o tempo abriu e o asfalto começava a secar, Ivan botou outra fita cassete para tocar. A música feita por Eduardo mais uma vez se transformou. Continuava árida, desencantada e difícil de digerir, mas agora havia um investimento na percussão, aproximando-a de uma estética industrial, ao mesmo tempo em que se encaminhava para um despojamento total e possível esgotamento das possibilidades criativas. A letra, cada vez mais minimalista, fazia pouco sentido:

O fim da rua
nua
a morte
da lua
mastigando
a tua
memória reprimida
de vida perdida

Ao chegar na cidade, Ivan parou e fez uma refeição, que pelo horário deveria ser seu almoço, mas não passou do mesmo pão com frios e café puro que vinha comendo nos últimos dias. Depois disso, completou o tanque do carro na expectativa de que

não precisasse gastar mais dinheiro com combustível, pois sua conta corrente finalmente tinha zerado e o cartão de crédito estava bloqueado.

Estacionou o carro no centro e fez a mesma peregrinação das cidades anteriores. Bateu em alguns estabelecimentos comerciais e mostrou a foto do bar de rock. Ninguém reconheceu Eduardo. Uma funcionária de uma loja de roupas, um pouco mais receptiva do que os outros, sugeriu que Ivan fosse à prefeitura conversar com a servidora responsável pelo turismo da cidade. Ela poderia indicar lugares onde Eduardo talvez houvesse acampado.

Ivan seguiu a dica e foi até a sede do executivo municipal, uma construção antiga de apenas um andar, ampla, provavelmente do começo do século XX, bem preservada e pintada de azul claro. Depois de pedir auxílio na recepção, foi encaminhado para a sala da responsável pelo turismo, que acumulava outras pastas como meio ambiente e desenvolvimento econômico.

Ao entrar na sala, Ivan foi informado de que a secretária estava em reunião e por isso seria recebido por sua assistente, uma funcionária jovem chamada Camila. Com cabelos lisos bastante escuros e bem amarrados por um elástico, um óculos de grau elevado e certa ansiedade nos gestos, Ivan sentiu que ela era

o tipo de pessoa competente, mas que se autossabota e por isso nunca sairia deste lugar.

Ele explicou a situação, que deixou Camila um pouco surpresa com a demanda fora do comum. Ela pegou um folder produzido pela prefeitura, enquanto abria o computador para mostrar as respectivas localizações citadas pelo material. Ele anotou o endereço de quatro ou cinco lugares um pouco afastados da região central, alguns com boa estrutura, outros mais simples. Ela explicou que por ser quase final de semana, os estabelecimentos deveriam estar com movimento, mesmo não sendo alta temporada. Ivan se questionou se essa pista fazia sentido, se Eduardo não preferiria ficar isolado, longe de turistas e todo tipo de gente que provavelmente o incomodaria, mas achou que precisava começar por algum lugar.

Camila queria poder ajudar mais, mas não sabia como, então deixou seu contato pessoal para qualquer eventualidade. Para conter sua ansiedade, Ivan agradeceu o apoio e disse que ela foi de grande ajuda. Deram um aperto de mão mais demorado que o normal e Ivan entendeu isso como um pedido de socorro que naquele momento não poderia atender.

Voltou ao carro, ainda com a imagem de Camila na mente, e começou a rodar os campings da região, iniciando pelos mais

turísticos, para descartá-los rapidamente, e depois indo aos mais distantes e com boas possibilidades.

Passou primeiro por um camping com lago para pesca e banho, estrutura de banheiros e um refeitório. Ivan falou com o responsável pelo local, um jovem filho do proprietário, que não estava na cidade. Ele mostrou a foto de Eduardo e, quando o jovem percebeu que Ivan não estava interessado em acampar, logo se desinteressou pelo assunto, dando quinze minutos para ele andar pelo terreno sem incomodar os turistas. Ivan achou arrogante a postura do rapaz dez anos mais jovem do que ele, mas não quis causar atrito. Despediu-se e percorreu as instalações.

Mostrou a foto para algumas pessoas, mães de família e avós, mas não conseguiu extrair nada deles. Ao se aproximar de uma senhora de seus quase setenta anos, usando um maiô e batendo os dedos no braço da cadeira de praia, lembrou-se da sua avó materna em alguma imagem perdida na memória: ela, com cabelos molhados, ao lado dele, sentado em uma mureta que fazia a divisa entre a praia e a rua de paralelepípedos. A vó tirou da bolsa uma caneca enrolada em um pano e deu salada de frutas na boca da criança de uns quatro anos. Ele não imaginava que esse momento banal seria uma espécie de oásis da memória que ficou ao mesmo tempo cravado e perdido e que retornava agora de maneira gratuita e desestabilizante. Voltando a si, foi até os

extremos do camping, na tentativa de encontrar algum vestígio de alguém que pudesse ser mais reservado, mas não encontrou nada.

Ainda pensando na vó, Ivan saiu dali e seguiu para o próximo endereço. Era um lugar de estrutura mais simples, mas com muito mais pessoas acampadas, talvez por oferecer um preço convidativo. Não foi interpelado por nenhum funcionário, então seguiu pelo terreno abordando turistas. Ninguém sabia de nada.

Sem alarde, a massa amorfa e volumosa que constituía o camping começou a se movimentar. Uma mulher gritou dizendo que foi roubada. Sua barraca estava com o tecido rasgado e, ao examinar seus pertences, deu por falta de sua carteira.

Aos poucos os funcionários e alguns clientes começaram a se organizar, fazendo buscas e interpelando pessoas. Um deles, de quem Ivan não sabia qual era a função, olhou fixamente para seus olhos e fez uma expressão facial tão clara e caricata que Ivan entendeu que ele estava somando dois mais dois e ligando o fato do roubo ao de ele ter chegado havia pouco tempo no lugar.

Sem muita cerimônia, Ivan foi interrogado por esse homem de boné vermelho. Precisou responder de onde era e o que estava fazendo ali. A explicação verdadeira pareceria inverossímil e ridícula, então Ivan disse que estava procurando um lugar para

acampar por uns dias e por isso decidiu circular entre os campings da região.

Em seguida, o homem apalpou os bolsos de Ivan e pediu que mostrasse seus pertences. Por alguma razão, tinha medo de que magicamente a carteira estivesse com ele e que fosse culpado de tudo. Mostrando irritação para camuflar essa insegurança, mas querendo evitar o confronto, fez o que foi pedido e logo a desconfiança se dissipou. Tendo se livrado dessa situação, se afastou do tumulto e deu mais uma volta pelo lugar na tentativa de encontrar não sabia muito bem o quê.

Seguiu a mesma lógica de ir nas partes mais afastadas da propriedade, mas não encontrou nada além de mato e lixo. Também não havia ninguém que pudesse indicar alguma pista. A falta de perspectivas fazia com que ele suspeitasse de que a busca terminaria em breve e de maneira frustrada.

O próximo endereço, já bem afastado da cidade, não era um camping formalizado, mas um terreno em que a dona, uma senhora hippie generosa, disponibilizava para quem quisesse ficar por ali. Havia poucas barracas e um clima de desconfiança com a chegada de Ivan, já que ele não parecia se enquadrar muito no perfil de pessoa que escolhe esse tipo de ambiente.

Ele mostrou a foto de Eduardo e ninguém reagiu a ela, mas Ivan achou suspeito. Tentando entender o contexto, perguntou

sobre a tal senhora hippie. Ninguém soube dizer onde ela estava. Falaram que era comum ela viajar, sem avisar do retorno, e que morava em uma casa abandonada nos fundos do terreno. Ivan agradeceu e começou a circular pela propriedade. Tirando o grande descampado onde as mais ou menos trinta pessoas montaram suas barracas e a casa mais ao fundo, só havia a mata fechada que se iniciava na elevação da propriedade.

Ivan se afastou do grupo e foi à casa velha. Era uma pequena construção de alvenaria, sem tinta, com telhados podres e com as portas e janelas trancadas. Ivan examinou o local e tentou olhar pelas frestas da janela. Notou que havia movimentação lá dentro. Ou mentiram para ele, ou a senhora mentiu para seus protegidos. Ivan bateu na porta repetidas vezes, mas ninguém atendeu. Circundou a casa e achou uma janela mal fechada. Forçou a abertura, entrou e andou em um silêncio inútil, já que com certeza havia dado para ouvir sua invasão. Se não era a senhora que estava ali, talvez pudesse ser Eduardo, pensou. Examinou a pequena cozinha, com um fogão a lenha e uma prateleira e não achou nada. Andou por uma espécie de sala e quarto conjugados, mas não havia ninguém embaixo da cama, ou dentro do armário. Só sobrou uma porta. Ivan abriu e viu a figura de pé. O ambiente era um banheiro escuro e improvisado, com um penico e alguns

baldes. A pessoa que estava à sua frente era um jovem amedrontado, que segurava um pedaço de madeira.

Ivan pediu que ele se acalmasse, disse que era amigo e que não veio fazer nada, só procurava uma pessoa, mas estava saindo. O garoto baixou a mão e Ivan deu um passo pra trás. Mostrou a foto e perguntou se o garoto conhecia Eduardo. Ele parou por um segundo, como se não tivesse certeza, mas no final negou. Diante da dúvida, Ivan insistiu. O jovem disse que viu um homem pela mata, mas que não era ele. Ivan agradeceu, pensou em perguntar do que o garoto estava se escondendo, mas preferiu não se meter na questão.

Saindo do acampamento de maneira discreta, olhou para o relógio e viu o céu escurecer. Deu-se conta de que não havia mais nenhuma pista ou lugar para ir. Era o fim da linha. Não tinha a menor garantia de que Eduardo pudesse estar na região ou mesmo vivo. Sentiu-se irritado por ser tão teimoso e se apegado a falsas esperanças. Calculou se teria o suficiente para voltar para casa e oferecer um jantar de desculpas para Marlene. Viu que com sorte teria gasolina para chegar a Florianópolis.

Pensando na sua vida daqui em diante, tomou a decisão de que na volta engoliria o orgulho e deixaria currículos nos mercados do bairro para tentar uma vaga de repositor, ganhando na melhor das hipóteses um salário mínimo, sendo explorado e

humilhado, mas de alguma forma contribuindo com as contas da casa e dando a entender que reagia às dificuldades da vida. Era o momento de encarar a realidade.

*

Tentando sair da região, ligou o carro e checkou o celular para encontrar o caminho de volta. O sinal da operadora telefônica, contudo, passou do instável para nulo e Ivan ficou sem referência. Rodou por algumas estradas de chão batido ladeadas por matagais, sem encontrar a rodovia. Passou uma hora circulando, tentou voltar para a propriedade que visitou, mas nem ela conseguiu achar.

Com a noite escura formada, Ivan avançou mais um pouco pela estrada, até que encontrou a entrada de um sítio. Encostou o carro para ver se havia alguém. Ao lado do portão e das cercas havia uma árvore esquisita. Ligou a lanterna do celular e notou uma inscrição no tronco. Parecia um pássaro, com uma cruz no peito, mas não tinha certeza. Parou por um instante e lembrou-se de onde já tinha visto essa imagem. Virou o celular e vasculhou as fotos que tirou em Florianópolis. Uma delas, do poster no quarto de Eduardo, tinha um desenho semelhante. Recordou-se também

da conversa por telefone que teve com Aline sobre a guinada mística dele diante de textos e imagens.

Demorou para acreditar, mas, como que tomado por uma vontade alheia, abriu o portão do sítio e avançou com o carro por uma pequena trilha de terra. Ao se aproximar, percebeu que as luzes de um sobrado se acenderam.

Um homem segurando uma lanterna foi em direção a Ivan. Parecia ter uns sessenta anos, era bastante magro e de semblante sério. Por conta da pouca luminosidade e do chapéu que usava, Ivan não conseguiu enxergar direito seus olhos. Pedindo desculpas pela intromissão, Ivan explicou que se perdeu. O homem disse se chamar Milton e explicou o trajeto que ele deveria seguir para voltar à cidade. Ivan agradeceu, mas antes de ir embora mostrou a foto e perguntou se ele conhecia Eduardo. Perguntou também quem fez o desenho que estava entalhado na árvore em frente ao portão. A expressão de Milton então se fechou.

Ele falou que não tinha ninguém ali e que era para Ivan ir embora. Neste momento, um vento forte começou a balançar a vegetação do entorno e a levantar tudo que era leve. O chapéu de Milton voou e seu cabelo branco e ralo se revolia. Ivan olhou pela primeira vez para seus olhos. Nada reconheceu ali. Aos poucos, se afastou, sem dar as costas para o fazendeiro, e entrou no carro. Agradeceu a atenção, deu a partida o mais rápido que

conseguiu e acelerou em direção ao portão, torcendo para não levar um tiro.

Ivan saiu da propriedade, nervoso, mas não pegou o caminho sugerido por Milton. Desligou as luzes do carro e observou o sobrado na penumbra. Notou que mais atrás havia um morro com vegetação densa e que uma fumaça azulada fazia um fino rastro que se perdia no céu. Ligou o toca-fitas e ouviu uma das últimas músicas de Mainländer, de instrumental mais seco e pesado. Abriu o caderno preto e circulou algumas palavras aleatórias como céu, cigarro, trilha, chama, refúgio e morte. Olhou mais uma vez para a foto no celular com o poster do pássaro e abriu a porta do carro com convicção.

III

Vagando pela escuridão, Ivan se afastou do portão da fazenda e procurou um buraco mais distante onde pudesse passar pela cerca. Agachou-se, ergueu o arame farpado e entrou novamente na propriedade, mas machucou a mão por não ter o hábito de fazer isso.

Caminhou rápido e em silêncio pelo descampado. A trinta metros enxergou a luz fraca que saía do sobrado de Milton. Olhava para baixo e pisava de leve na terra, como se tivesse medo de ser ouvido. O vento batia forte e não estava com roupa suficiente para aguentar o frio.

Acelerou o passo na tentativa de esquentar o corpo, mas começou a ouvir animais a uma distância curta. Parou por um momento e, sem sucesso, forçou a visão para entender o que havia na massa escura à sua volta. Quando recomeçou a caminhar, os uivos aumentaram. Tentou ignorá-los e mirou a fumaça que saía do morro de mata densa.

Devido à ansiedade, passou a correr. Além dos sons, pressentia vultos a poucos metros. De relance, talvez tenha visto o

brilho de dois olhos amarelados. Tentou notar se havia algum movimento no sobrado, mas fora a luz bruxuleante não identificou nada. Ao olhar para cima, viu pássaros voando de maneira circular, como se o espreitassem. Parecia que todo o ambiente lhe era hostil. Por um momento, questionou sua sanidade e teve a impressão de que a jornada até aqui não havia passado de um delírio. Sem ter no que se ancorar, seguiu em frente, feito um autômato.

Perto do morro, notou uma pequena trilha, como se tivesse sido feita para ele. Subiu pelo caminho e sentiu as folhas arranharem seu rosto. Quanto mais escalava, mais percebia uma luz oscilante. Tentou fazer menos barulho no trajeto, na tentativa de não ser percebido. Ao chegar no topo, cansado, deparou-se com uma espécie de acampamento. Não conseguiu julgar se era uma instalação provisória ou se alguém vivia ali há muitos anos.

Além da fogueira, quase se extinguindo, fonte da luz e da fumaça que viu de longe, havia uma barraca improvisada com uma lona velha e alguns utensílios espalhados pelo chão. Examinou tudo com cuidado e entrou na barraca buscando alguma pista.

Lá dentro, só havia um saco, um prato de madeira e uma mochila. Rapidamente, a vasculhou, e, além de comida para

poucos dias, encontrou papéis amassados que não conseguiu decifrar.

Neste momento, ouviu um ruído do lado de fora. Ao se virar, se deparou com um homem em pé, ao lado dos restos da fogueira. Ele tinha uma faca na mão, usava roupas sujas, tinha barba longa, pele bronzeada e um boné enterrado nos cabelos suados. Poderia ser ele, mas Ivan não tinha certeza. Se fosse, era como se tivesse envelhecido vinte anos.

“Tu é o Eduardo?”

O homem não respondeu.

“Não quero causar problema. Tu conhece ele?”

O homem ergueu a faca.

“Senta.”

“Calma, eu vou embora. Não quero incomodar.”

“Eu mandei sentar.”

Sem opção, Ivan se abaixou.

“O que tu quer com Eduardo?”

“Eu tô procurando ele.”

“Por quê?”

“Não sei.”

“Eu não vou repetir.”

“Eu não sei.”

“O Eduardo tá morto.”

“O que aconteceu?”

O homem não responde.

“Tu é o Eduardo? Me fala. Eu sou casado com tua irmã.”

O homem ergueu a faca e apontou para o pescoço de Ivan.

“Eu só queria entender. Deixa eu ir embora, não conto pra ninguém.”

“Tá morto.”

Assim que terminou a frase, o homem passou a faca na direção do pescoço de Ivan, que escapou por reflexo. Sangrando pouco no peito, ele se levantou, mas não soube para onde fugir. O homem o cercou mais uma vez e se aproximou devagar.

Em um segundo ataque, o homem pulou sobre Ivan e eles se começaram uma luta corporal. A faca caiu, mas Ivan foi dominado, jogado no chão e enforcado com uma das mãos. Antes de quase apagar, Ivan conseguiu jogar um punhado de terra no rosto do homem e se desvencilhou. Correu em direção à faca, pegou-a e os dois se encararam por longos segundos, até que, sem saber direito como, Ivan pulou sobre o homem.

Em cima dele, no chão, percebeu o sangue frio escorrendo. O homem silenciou. Aos poucos, a respiração foi diminuindo.

Ivan tinha seu rosto colado no dele. Viu seus olhos abertos se embaçarem, a pele empalidecer, a boca se afrouxar e se abrir para a escuridão.

“Tu é o Eduardo? Me fala, por favor.”

Não houve resposta.

No escuro, Ivan ficou deitado sobre o corpo durante um presente eterno. Ao bater um vento frio, olhou para o entorno, como se tivesse acordado de um sono pesado. Tinha sangue nas mãos e no peito. Procurou por algum ferimento mais sério, mas não encontrou. Jogou a faca ao lado do corpo, checkou os bolsos da calça do homem, mas não achou nada.

Sem energia, se levantou e encontrou a trilha para descer o morro. Fez o trajeto de volta para o carro, atravessando o descampado, onde agora não havia qualquer ameaça animal. O sobrado no horizonte tinha todas as luzes apagadas. Sentia-se febril e anestesiado.

Ao se sentar no carro, colocou as mãos sobre o volante, como se o pegasse pela primeira vez. Ligou a luz interna e puxou o espelho retrovisor na direção do seu rosto. Entre as sujeiras de terra e sangue não se reconheceu. Deu a partida e dirigiu toda madrugada em direção a Florianópolis. Não se lembrou de nenhum detalhe da viagem.

A gasolina acabou em São José, um pouco antes do acesso às pontes para a ilha. Deixou o carro parado no meio da pista e fez o resto do trajeto a pé, o que dava cerca de vinte quilômetros.

Imaginou que a polícia rodoviária poderia abordá-lo na marginal da rodovia, quase que torcia para isso, mas nada aconteceu.

Atravessou a ponte e fez a caminhada no final da madrugada. Ao seu lado, avistava o mar escuro e revolto da Baía Norte, onde, em um conjunto de pedras, uma dezena de aves brancas e negras dormitavam, se preparando para o início do dia.

Chegou exausto no apartamento, um pouco antes de amanhecer. Evitou fazer barulho, lavou o rosto na pia do banheiro, jogou a roupa no lixo e se deitou no sofá da sala, sem conseguir dormir. Levantou-se novamente e ficou por um momento encarando a vista noturna do bairro, como fez na noite em que decidiu iniciar a busca. O silêncio da rua foi interrompido por um mendigo que atravessava a calçada e arrastava um saco plástico grande. Ele parou na frente de um lixeiro, botou o braço para dentro e tirou algumas latinhas. No momento em que as amassava com os pés, olhou para cima. Ivan não teve certeza, mas parecia que o mendigo o encarava, como se soubesse de tudo.

Marlene dormia intranquila no quarto. Parado na porta, Ivan a observou por um longo tempo. Não tinha certeza do que falaria, nem como pediria desculpas. Talvez fosse tarde demais.

IV

Fazia dias que não nos falávamos. No começo da noite tu decidi dar uma volta pelo bairro, sem me avisar. Tu fazia isso às vezes, eu odiava. Aproveitei para entrar no escritório, teu ninho, e entender o que tava acontecendo.

Encontrei umas fotos espalhadas, uns livros abertos e muitos papéis, alguns digitados, outros manuscritos. Tu sempre escreveu, mas nunca me mostrou. O texto parecia ser uma história confusa sobre um desaparecimento. Vi meu nome ali e de um tal Eduardo.

As três fotos eram de Robert Walser, que tu tanto falava na época do mestrado. Fazia anos que não as via, pois sempre me deram uma sensação esquisita. Dei mais uma vasculhada pelo cômodo, até que olhei para dentro da lixeira ao lado da escrivaninha. Tinha uma quarta foto (IV). Era de Walser também, uma que não conhecia. Mostrava o corpo caído na neve, mas antes dele tinha um rastro de pegadas indo em sua direção. O estranho é que depois de olhar por um bom tempo, tive a impressão oposta. As pegadas pareciam se afastar de Walser.

Tentei imaginar porque tu jogou essa foto fora. Não consegui descobrir.

Tu chegou tarde da noite. Não mencionei minha ida ao escritório. Nossa relação não ia bem, cada um guardava muito pra si e o rancor só crescia. Eu era injusta contigo e tu comigo e nenhum dos dois cedia para terminar esse mal-estar.

As semanas se passaram e tu continuava a dormir na sala, cada vez mais calado. Em uma quarta-feira tive uma noite de sono ruim. Primeiro um pesadelo com um homem que me procurava na mata. Depois, não consegui dormir e senti que via coisas no quarto. Deitada no escuro, pensei muito e cheguei à conclusão de que tínhamos que dar um basta. Só ia esperar amanhecer para fazer isso.

Devo ter cochilado por uns minutos, pois quando acordei já estava claro. Saí do nosso quarto e fui pra sala, preparada para ser franca contigo. Quando cheguei, o sofá estava vazio, com a roupa de cama dobrada. Tomei um susto com um barulho seco. Era a porta do apartamento, que batia por causa do vento do corredor. Tuas coisas estavam todas ali. Procurei por um bilhete, não encontrei. Entendi que não te veria nunca mais.